

Maternidade e cuidados domésticos: a sobrecarga feminina como linha de frente no enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil

Luana Karoline Gonsaga¹

“Rejeitemos o que já está posto como normal ou única saída para as coisas; Rejeitemos os argumentos de que nossa função como mães é sermos relegadas ao âmbito privado da criação de filhos; Rejeitemos que nosso destino seja apenas gerar mão de obra para a classe trabalhadora; Rejeitemos que a parca atenção dada para nós em todos os nossos direitos seja considerada suficiente; Rejeitemos que a responsabilidade por criar nossos filhos, transformando-os em sujeitos bons para o mundo, seja responsabilidade apenas nossa; Rejeitemos que a universidade pública seja precarizada e que o ensino superior seja sucateado; Rejeitemos o alijamento da classe trabalhadora, da negritude e das mães da universidade pública, gratuita, crítica e de qualidade; Rejeitemos que a vida de nossos filhos seja ceifada por guerras sociais não declaradas e claramente higienistas e classistas; Rejeitemos que decidam por nós sem nós. Convido à rejeição absoluta a tudo o que cerceia nossos direitos e reduz ou tenta aniquilar nossa potência de transformação do mundo. Somente com a rejeição de todas as coisas que vilipendiam as possibilidades de uma insurgência na construção de um mundo melhor, é que conseguiremos abrir espaço para a formulação de parcerias, de possibilidades, de escuta e de produção daquilo que verdadeiramente nos acolhe, nos abarca e nos engrandece. Sejam gentis umas para com as outras, para que possamos educar nossos filhos e filhas na direção da luta em conjunto. Se a liberdade é uma luta constante, sejamos gratas porque a maternidade nos torna infindáveis, uma vez que continuaremos existindo em nossos filhos.” GONSAGA. L.K., (2020)

¹Graduanda em psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4559287289240535>

Resumo

O presente trabalho buscou discutir os efeitos da pandemia de Covid-19 na saúde mental das mulheres brasileiras, especialmente as mães, e os impactos gerados pelas desigualdades sociais mantidas durante anos ao longo da história, nas mazelas apresentadas durante a crise sanitária mundial do ano de 2020. Como as desigualdades de gênero, raça e classe podem impactar os cuidados com os filhos, o desenvolvimento de carreira, a sustentabilidade da vida doméstica e pública. Por fim, foram levantadas possibilidades de intervenção tanto no campo da psicologia quanto através da construção e promoção de políticas públicas como forma de mitigar os efeitos da pandemia sobre as mulheres do Brasil.

Palavras-chave: Pandemia. Maternidade. Sobrecarga materna.

1. Introdução

No ano de 2019 deparamo-nos com a pandemia de COVID-19, causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) identificado pela primeira vez em Wuhan, na China, e que disseminou-se rapidamente entre a população chinesa, e posteriormente para a população mundial, sendo reconhecido em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia.

Devido ao rápido contágio através do contato social, uma das medidas sanitárias é a imposição do isolamento social, impedindo portanto as reuniões presenciais em grupo², aulas presenciais, visitas, entre outras formas de contato entre pessoas com o objetivo de evitar aglomerações, e assim reduzir a contaminação pelo vírus, mas como efeito colateral o isolamento social trouxe prejuízos à saúde mental dos sujeitos.

Um dos prejuízos surgiu na forma de uma demanda quase invisível na sociedade: o sofrimento causado pela intersecção entre maternidade e vida social, visto principalmente nos aspectos de produtividade. As mulheres, durante o

2

[https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=392851#:~:text=7%C2%BA%20do%20Decreto%20n%C2%BA%20525,7%C2%BA%20.....&text=e\)%20as%20atividades%20em%20academias,realiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20shows%20e%20espet%C3%A1culos](https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=392851#:~:text=7%C2%BA%20do%20Decreto%20n%C2%BA%20525,7%C2%BA%20.....&text=e)%20as%20atividades%20em%20academias,realiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20shows%20e%20espet%C3%A1culos).

isolamento social, passaram a queixar-se de questões relativas à maternidade e às relações com seus filhos durante a pandemia.

2. Maternidade enquanto aspectos psíquico e social

A maternidade, para o dicionário Michaelis (2019), pode ser definida como estado ou qualidade de mãe; ou de maneira jurídica, define-se maternidade como laço de parentesco que une mãe e filho. No entanto para a psicologia, partindo da psicanálise, é possível definir a maternidade como a inscrição de um desejo que não seja anônimo (Moura, 2013).

É a capacidade de gerar a vida, inscrevendo-a na ordem da mortalidade, que confere à mulher o poder subjetivo da maternidade, mas para além da possibilidade biológica de geração de filhos, é preciso que a mulher adote subjetivamente seus filhos - biológicos ou não -, permitindo então sua inscrição no simbólico e assim, fazendo com que esse corpo (do filho) seja “corporalizado de maneira significativa” através da linguagem (Moura apud Soler, 2013).

A maternagem como qualidade materna, é a capacidade da mãe de constituição psíquica do filho em início de vida (Freud, 2019 [1895]), filho este que se encontra em condição dramática, pois depende dos cuidados integrais de um Outro para que sobreviva. Já em Lacan apud Moura(2013 [1998]), a maternidade se inscreve no que se denomina alienação, onde constitui-se um poder desigual da mãe para o filho, sendo ela a legisladora, a que determina e a que sentencia sobre o que concerne à existência da criança cuja maternagem é sobre ela exercida. É a alienação que mantém a criança no lugar de objeto real, através do qual a mãe experiencia o gozo.

De maneira resumida, a maternidade para a psicanálise é a possibilidade da ambiguidade sendo exercida. É na expressão de maternagem que ocorrem a castração do sujeito em constituição psíquica; a impossibilidade do acontecimento da falta quando o desejo infantil é prontamente atendido, não dando espaço para a demanda; e também da não inscrição desse filho no desejo, dando espaço à rejeição materna. A maternidade é o enigmático desejo e o misterioso gozo materno, cujo objeto de satisfação é representado no filho, que de maneira psíquica, substitui o objeto sexual completo. A maternidade é a busca da mulher pelo falo que lhe falta.

Para além do aspecto subjetivo captado pela psicanálise, a maternidade carrega consigo uma série de funções sociais a serem exercidas para que se cumpra o papel de mãe, como por exemplo as tarefas de higiene, alimentação, desenvolvimento emocional dos filhos. Tudo isso demanda que a família possua uma estrutura, ainda que mínima, de moradia, alimentação, entre outros itens básicos à manutenção da funcionalidade da vida.

De acordo com o IPEA³ (2015), dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, apontam que no ano de 2015, o percentual de famílias chefiadas por mulheres era de 40,4% contra 3,7% das famílias chefiadas por homens. Já a renda domiciliar per capita média, de acordo com a mesma pesquisa, era de R\$1.232,8 para as mulheres no Brasil, tendo um grande abismo de diferença entre a renda per capita média das mulheres negras e das brancas, onde as primeiras recebiam cerca de R\$ 896,7 contra os R\$1.642,6 das demais.

Tais dados nos permitem pensar no acúmulo de funções exercido pelas mulheres, especialmente as que chefiam suas famílias de maneira monoparental, ao terem de lidar com o trabalho remunerado em sua vida profissional, somado ao trabalho doméstico e de cuidados com os filhos - onde não há remuneração -, e há ainda a jornada tripla, que une o trabalho remunerado, o trabalho doméstico e os estudos, uma vez que 1 a cada 10 estudantes de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) tem filhos⁴. Número que pode aumentar se buscarmos outras esferas educacionais para além de instituições federais.

Logo, o acúmulo de funções provoca um cansaço que se mantém diariamente com as tarefas, mas que é atenuado pela divisão na execução das mesmas. No entanto, devido a construção de um estereótipo do que é o gênero feminino, as mulheres são associadas aos cuidados, aos instintos e à intuição como ferramentas de sensibilidade, contrariamente ao sujeito universal que é o estereótipo masculino, dotado de racionalidade, produtor de cultura e de política.

Segundo Vieira, Garcia & Maciel (2020), as mulheres são então, destinadas ao particular com devoção, dedicando-se aos cuidados domésticos, ao amor familiar e

³ <https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores.html>

⁴ <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

aos projetos de maternidade, sendo esse senso comum o impeditivo para a distribuição justa das responsabilidades domésticas.

Na ausência de uma divisão equânime das responsabilidades há a possibilidade, dentre outras, de que a mãe deixe os filhos na escola por um período de tempo, e enquanto estão em atividades escolares, a mãe pode trabalhar. Mas e quando, por algum evento, todos - mães e filhos - se vêem obrigados a ficar em casa em tempo integral, tendo suas atividades de trabalho e escola realizadas no ambiente doméstico?

É o caso da pandemia de COVID-19 supracitada, e o resultado do distanciamento social nas condições de maternidade acima descritas, foi o que gerou a sobrecarga materna levando as mulheres a queixarem-se do acúmulo de tarefas nos cuidados com filhos e na manutenção do ambiente doméstico, bem como na geração e captação de renda. De acordo com Neves (2020)

algumas crianças, por exemplo, têm aulas on-line, e a mãe tem de acompanhar esse processo. Ela exerce suas funções no trabalho, é a professora do filho, é a agente que vai higienizar, produzir, muitas vezes, a alimentação da casa, além de gerir todos esses sentimentos de mal-estar diante de um quadro de pandemia mundial.

A elevação dos níveis de estresse devido ao confinamento tem o potencial de comprometer a saúde mental das pessoas, especialmente devido a diminuição das interações sociais, prejudicando o sentimento de pertença dos sujeitos a determinados grupos que o auxiliam em momentos de crise. Atrela-se a isso uma série de distúrbios do sono, medo, irritabilidade, ansiedade, mudanças no apetite, entre outros (Macêdo *apud* Moraes, 2020).

Mas não é de hoje que as mulheres brasileiras reclamam as desigualdades e seus efeitos nas relações de gênero. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (2004) surge justamente da demanda pelo olhar por parte do Estado para o gênero feminino além dos aspectos reprodutivos. O movimento feminista pós década de 70 traz importantes reclamações, evidenciando a atenção em saúde da mulher voltada para o ciclo gravídico-puerperal, deixando-as alijadas da assistência em saúde para além desse período da vida. A partir do movimento das mulheres, introduzem-se na política nacional de saúde as questões concernentes às desigualdades nas relações de gênero, tornando-as públicas e deslocadas do âmbito privado. Passa então a ser questão do Estado os direitos sexuais e reprodutivos, a

contracepção, a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, a sobrecarga provocada pelas jornadas duplas de cuidados domésticos, com filhos e trabalho, dentre muitas mais.

Diante do quadro pandêmico e da ainda presente desigualdade entre os gêneros, aprofundam-se os abismos de dificuldades nos quais as mulheres se encontram. Pesquisa realizada pelo IPEA em julho de 2020 e denominada “Mercado de Trabalho e Pandemia da Covid-19: Ampliação de Desigualdades já Existentes?”⁵ revelou que, dentre as mulheres com filhos até 10 anos de idade, houve uma queda de 50,6% na participação no mercado de trabalho no período equivalente ao terceiro trimestre do ano, colocando as mulheres junto dos jovens no grupo com maiores probabilidades de sofrerem perda de emprego durante a pandemia.

É necessário considerarmos que para além de mera forma de sobrevivência, o trabalho possui função central na constituição de uma identidade, e na sociedade capitalista onde os homens ocupam os maiores postos sociais através de suas ocupações laborais, o trabalho torna-se para as mulheres um meio de emancipação, conferindo-lhes além de identidade, uma função considerada socialmente útil, especialmente diante da invisibilidade do trabalho doméstico e materno. Portanto, há uma queda no estado de bem-estar subjetivo ao não conseguirem executar suas tarefas com a mesma qualidade que conseguiriam se estivessem em um ambiente de trabalho adequado, podendo se dedicar às suas funções em vez de dividirem sua atenção entre todas as demandas do lar e do labor.

Não bastassem as dificuldades impostas pelo isolamento social, as mulheres tem enfrentado forte aumento no número de casos de violência doméstica. Embora análise de dados realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)⁶ tenha identificado uma queda de 8,6% no número de denúncias por parte das mulheres, referentes a violência doméstica entre março de 2019 e março de 2020, acredita-se que esta seja devido às dificuldades de acesso aos serviços de denúncia pelo meio presencial - pelas dificuldades em sair de casa ou pela interrupção de diversos serviços onde é possível denunciar-, e à dificuldade em realizar a denúncia de sua própria casa quando residem com o agressor. A dúvida acerca dos motivos que levam à queda no número de denúncias é enfatizada ao analisarmos os dados

⁵ http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10186/1/bmt_69_mercdetrabalho.pdf

⁶ <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>

extraídos pelo FBSP de relatos em redes sociais, que apontam um aumento de 431% entre os meses de fevereiro e abril de 2020, demonstrando que os relatos feitos por vizinhos, sobre de brigas de casal com indícios de violência doméstica aumentaram quatro vezes, sendo o mês de abril campeão de publicações de relatos com 53% do total obtido.

3. Considerações finais

O inédito cenário de pandemia mostrou-se como uma espécie de lupa colocada sobre os problemas gerados em decorrência de uma sociedade erguida em cima de princípios misóginos, machistas, patriarcais e capitalistas, que colocam as mulheres em situação de extrema vulnerabilidade social. Também colocou-se em evidência o trabalho doméstico e os cuidados maternos, que eram considerados temas transversais à existência de mulheres e passaram a compor um lugar central, equiparável ao dos profissionais da saúde: de linha de frente na manutenção do tecido social tal qual conhecemos, ocupando-se de manter os cuidados para com filhos, companheiros, idosos da família, casa, trabalho e tudo o que já foi aqui citado.

É mais do que necessário então, que pensemos alternativas para um futuro próximo com o intuito de mitigar os efeitos negativos da pandemia sobre as mulheres brasileiras, uma vez que “o cuidado está no centro da sustentabilidade da vida. Não há possibilidade de discutir o mundo pós-pandemia sem levar em consideração o quanto isso se tornou evidente no momento de crise global”, de acordo com Bianconi, diretora da Gênero e Número, da Fiocruz.⁷

Algumas das possibilidades são a transposição de serviços presenciais para meios eletrônicos, como os canais de denúncia de violência doméstica; campanhas de conscientização social sobre a responsabilidade coletiva na proteção da integridade física, moral, patrimonial e psicológica das mulheres, incentivando denúncias por parte daqueles que presenciarem ou suspeitarem estar diante de um ato de violência contra a mulher.

No âmbito da psicologia, atendimentos online tem se mostrado ferramentas possíveis, ainda que falhas em termos de acesso universal. O olhar sobre o sujeito considerando seus aspectos biopsicossociais é ponto chave para compreendermos a

⁷ <https://portal.fiocruz.br/noticia/metade-das-mulheres-passou-cuidar-de-alguem-na-pandemia-revela-pesquisa>

dinâmica social na qual as mulheres estão inseridas e pensarmos possibilidades de manejo e de suporte no desenvolvimento de redes de apoio que possam atenuar o sofrimento psíquico e a agudeza nos agravos à saúde mental das mulheres e das crianças em estado de isolamento social.

Do ponto de vista das políticas públicas, é fundamental que a curto prazo existam garantias de direitos básicos, como moradia e alimentação, e a médio e longo prazo, políticas de reparação serão necessárias, como forma de equiparar as mulheres ao status de segurança obtido pelos homens brancos na sociedade, garantindo empregos, renda, redes de apoio através de dispositivos públicos, de segurança e saúde. Assim, evitaremos que em possíveis futuras crises as mulheres passem por todas as mazelas que vem enfrentando durante a pandemia de Covid-19.

Referências

Associação Nacional de Dirigentes de Instituições de Ensino Superior (ANDIFES). V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2019). retirado de: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf> em 01/11/2020.

BIANCONI. G., Metade das mulheres passou a cuidar de alguém na pandemia, revela pesquisa.(2020) *in*: Agência Bori. retirado de: <https://portal.fiocruz.br/noticia/metade-das-mulheres-passou-cuidar-de-alguem-na-pandemia-revela-pesquisa> em 09/11/2020.

____ Dicionário Michaelis (2020). retirado de: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maternidade/> em 01/11/2020

____ Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. (2020) retirado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf> em 09/11/2020

FREUD. S., As pulsões e seus destinos, (2019). Autêntica, Minas Gerais.

GONSAGA. L. K., Não termino em mim mesma: a luta é constante, e seguirei (r)existindo nos ideais de meus filhos e de minhas companheiras. (2020) *in*:

Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia. Organização: Ana Carolina Eiras Coelho Soares (GEPEG/FH-UFG/CNPq); Camilla de Almeida Santos Cidade (NIEM/UFF) e Vanessa Clemente Cardoso (Mamães na Pós-graduação).

HOLANDA. A. L. N. de Holanda; Costa. J. S. B. Costa; HECKSHER. M. Mercado de trabalho e pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes? (2020) Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

____ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. 2015. retirado de: <https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores.html> em 01/11/2020.

MACÊDO. S., Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos (2020) *in*: Rev. NUFEN vol.12 no.2 Belém.

____ Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. Princípios e Diretrizes. (2004) Brasília -DF.

____ Ministério da Saúde. Sobre a doença. (2020) retirado de: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> em 09/11/2020.

MOURA. D. F. G., Maternidade e Poder, (2013) *in*: Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza.

NEVES. M.C.L., Pandemia compromete saúde mental das mães (2020). retirado de: <https://www.medicina.ufmg.br/pandemia-compromete-saude-mental-das-maes/> em 01/11/2020.

VIEIRA. P. R.; Garcia. L. P.; Maciel. E. L. N., Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? (2020). *in*: Revista Brasileira de Epidemiologia.